



Antropologia comparada e música tradicional dos povos berbere e galego-português. Um achegamento cultural entre o Ocidente, o Pré-Islão e o Islão norteafricano
A comparative Anthropology and traditional music of the Berber and galician-portuguese peoples. A cultural approach between the West, PreIslam and north African Islam

José Carlos Rios CAMACHO¹

Recebido no dia 15-05-2011

Resumo: São as intenções e exposição deste introdutório trabalho antropológico, resultado de umas observações directas de realidades sociais e cultural-musicais no Rif marroquino na altura do segundo semestre do ano 1990, ao mesmo tempo tentamos dar umas anotações gerais sobre as culturas, literatura (lendas e mitos) e história antiga-medieval dos povos galego-português e berbere baseados numa ampla cultura atlântica que abrangeria o quadrante Galiza/Irlanda/Bretanha até o Rif norteafricano.

Abstract: The intentions and the short account of this anthropologic preliminary essay are the result of our work about some direct observations of the social and cultural-musical realities at the Moroccan Rif in the second semester of the 1990 year. At the same time, we attempt to give some general notes about the Ancient-Medieval History, literature (the legends and myths) and the cultures of the Berber and Galician-Portuguese peoples, based in a vast Atlantic culture which will spread out the entire quadrant from Galicia-Ireland-Britain to the north-African Rif.

Palavras-chave: Galego-português – Berbere – Antropologia – Mitos – Música.

Keywords: Galician-Portuguese – Berber – Anthropology – Myths – Music.

¹ IES Isaac Diaz pardo (Sada)/Universidad de Murcia; Doutor em História Medieval. E-mail: xosecarlos.rios@um.es

Assim, esses mouros, de escura tez, como o Monostato da Flauta Mágica, esses guardadores de tesouros, seriam a personificação dum elemento importante do subconsciente humano: a Sombra. A um tempo sinistros, medonhos e sempre um bocdo simpáticos, não sabemos por que, são os elementos negativos, de todos os jeitos necessários para síntese harmoniosa da personalidade (...)
Quantos mais mouros o guardem mais rico e importante é o tesouro.²

I. Aspectos atlânticos

Os primeiros habitantes do norte africano, os berberes entre outros, deviam ter vivido desde longínquos tempos em territórios muito mais extensos que os de hoje, já que supostamente faziam parte de uma antiga civilização da qual tentamos tirar teorias. Contudo, os berberes atuais ocupam uma extensão que abrange o norte do citado continente, o Saara, o Sahel da África ocidental, acrescentando as áreas montanhosas de Aurès, Cabília, Rif e Alto Atlas até aos desertos do Mzab e Hajar, chegando com probabilidade aos onze milhões de pessoas.

A origem mítica desta etnia não deveria passar despercebida para uma cultura atlântica como a nossa, a galaico-portuguesa. Existem mitos de uma suposta civilização da Atlântida que, de ocupar um lugar na história, segundo Platão, teria aqui no antepaís destas montanhas, depois do seu afundimento, um assento junto com a Península mais ocidental e além dela.

Segundo Bosch Gimpera, o megalitismo pôde ter ressonância nesta zona de vestígios arqueológicos de certas tendências culturais e até psicológicas (tipo inconsciente coletivo como constatamos nas lendas e mitos), com relembrs de cultura musical (desde o trajar, vestidos de labor, arracadas, a instrumentos, cantos, etc). Esta cultura da pedra deixou uma Antiga Religião que deu lugar aos monumentos pétreos da civilização europeia-atlântica. Não sendo abundantes os dólmenes conhecidos (como o de Mzora, na Iebala marroquina), constatamos presenças de mamoas, o qual poderia dar lugar a hipóteses que vão desde um megalitismo evidente mas serôdio, até poder ser o mesmo berço dos construtores da pedra.

A base cultural seria a do Neolítico (5000 adC), a cerâmica cardial em comum com boa parte da Europa, específica da Berberia, acrescentando a esta *koiné*, a chamada cultura do vaso campaniforme e pelo tanto conjunta ao chamado Bronze europeu.

² ROF CARBALLO. “Conselhos para encontrar tesouros”, introdução, p. 10, a Tesouros novos e velhos de A. Cunqueiro, 1980.

Sabemos hoje que o Bronze atlântico galego-português tinha coincidência e contato natural com todo o próprio oceano meridional e Mediterrâneo (curiosamente nomeado na alta Idade Média como *Bahr al-rum* o “mar dos cristãos”...). A cultura dos Milhares (Almeria) ratifica estas relações. O megalitismo, finalmente, fundamenta-se em toda a Berberia segundo Gabriel Campos, estendendo-se o campaniforme por Marrocos, Argélia, Tunes, etc. (IIIº e IIº milênio) precedendo ao Bronze antigo.

É para salientar que especialistas em musicologia tradicional constatem uma série de relações musicais, nomeadamente em similitude de melodias, registos de percussão, e jeito de canto em determinadas produções musicais galegas, e elementos da música ibicenca (lembramos as construções pétreas dos *tholoi*) e mesmo com a Andaluzia oriental, como afirma o musicólogo Henrique Peão.

Antes da aparição de povos que podemos chamar cientificamente históricos, embora de origens e situações nada claras (tartéssios, turdetanos, iberos), o mito marítimo ocidental do Hércules civilizador que tanto nos identifica com o nosso passado, também é na Africa setentrional um mito comum de similar cultura civilizacional em quase toda a Europa atlântica e parte da mediterrânea. Porque esse estranho instrumento de cornos de touro chamado *shamar* que nos recorda à civilização tartéssico-turdetana ou ibérica, que ainda é visível na Berberia. Serão os cornos civilizadores das pegadas lendárias de um Hércules culturizador atlante? Se calhar, os “cornos”-limite do Alexandre Magno corânico que simbolizavam Oriente e Ocidente (o nosso ocidente, o único possível...). Na Berberia é tão forte a pegada lendária daquele gigante que não se pode explicar toponímia, culturas ancestrais, fundação e geografia destes povos sem o nomeado filho do Atlante.

Já o mouro Rasis, cronista dos séculos IX-X, nos conta a criação de um “Concílio de Cádiz”, pois esta terra é onde os gigantes construíram as suas colunas demarcadoras a jeito de triângulo Corunha-Cádis (mais ou menos exacto)-Narbonense francesa (tantas vezes conquistada e perdida pelo Islão):

...su tercer vértice está en la comarca de la Isla de Cadiz, entre el occidente y el Sur, mira al monte de Africa, cuyo nombre es Atlas (cordilheira do Atlas atual ?) ou Hurusyus.

Testemunha esta tradição o epônimo hercúleo e a lenda de Homero, onde a cidade de Tânger é aceite como fundada pelo filho de Neptuno, Antéu, sendo este, expulso por Hércules, nomeando depois à cidade pelo onomástico da sua

esposa Tingo. Existem, e são para visitar, as Covas de Hércules³ às aforas de Tânger, covas onde os caprichos das formas das rochas, dizem foram pegadas do gigante civilizador da sua e da nossa cultura ocidental.

Se na altura do 1000 adC sabemos que na Península (séculos IX-VIII adC) e zona atlântica africana como núcleo, existe uma civilização ibera, como um epicentro provável que pudesse partir desde o Saara ou desde o Levante oriental, então poderíamos combinar a denominação como ibero-iberbere, à beira de comuns conotações com uma muito similar cultura e gentes que pudessem pertencer originariamente a um igual ou similar povo atlântico.

A história de Tartessos, descoberta por Shulten, poderia ser essa primeira civilização ocidental da qual falam as fontes clássicas, talvez puderam ser uma variante ibero-iberbere. Inventarão o bronze e chegarão até Inglaterra e Bretanha no norte e até Senegal e Guiné pelo sul, compartilhando também dólmenes com corredeira e galerias cobertas. Povo civilizador segundo as crônicas que nos chegam, possuíam leis que derivavam de reis míticos como Oceano, por onde passavam deixavam esses touros tão hercúleos que delimitavam uma parecida *koiné* e modo de vida cultural.

A referência de assentamento posterior fenício na costa mais europeia da Africa não era senão a fama dos mitos de Hércules, os limites do “mundo conhecido”, as colunas que marcavam e guardavam as populações indígenas e berberes pelo sul e os galecianos (da *Magna Gallaecia*, não só a reduzida Galiza nuclear atual...) pelo norte, sem esquecermo-nos de certas prováveis bolsas de gentes tamazig no interior de Leão como é a etnia dos maragatos, da tribo berber *Barag wata*, segundo teses como as de J. Oliver Asín ou Gómez Moreno (Alonso Luengo, 1980), hoje as mais reconhecidas.

Posteriormente serão os outros civilizadores, os romanos, quem designem aos tamazig como povos “bárbaros” (como na Europa meridional designaram a germanos, celtas ou eslavos), derivado de *barbara* ou “sem civilizar à romana”, daí berbere.⁴

³ As Covas de Hércules são um mito presente hoje na história do hispânico Islão, quando Afonso VI conquista Toledo através das suas covas subterrâneas do herácleo, também presentes em Salamanca (Rota da Prata ou Caminho jacobeu atlântico, igualmente “Caminho moçárabe” altomedieval). Tudo um símbolo de tesouros ocultos em profundidades-clave do antigo conhecimento.

⁴ Segundo outros autores procede de árabe *barbar*, fazer barulho, resmungar (no século XVI). Na História Antiga são frequentes os contatos culturais, comerciais ou militares entre os romanos e hispano-romanos (unidades militares da Gallaecia por exemplo...) com os povos berberes: Campanhas militares em Mauritânia (43-44 dpsC.) nos tempos do

Quase com certeza que os dominadores do SPQR não gostaram dos povoamentos independentes, fortificados e aliados em clãs, e assim propuseram desde o início o modelo de submissão ao “município”. Desaparecia por enquanto a nossa própria idiosincrasia de ligar a terra à soberania. O exemplo da cultura céltica dos castros era toda essa expressão de etnia e cultura própria. Resulta surpreendente observar como os berberes (assim também os celtiberos) conservam uma forte tradição na criação destes pequenos estados-castro, chamados *ali Amghar*, zelosos da sua soberania para o governo civil marroquino, sendo capazes de criarem confederações com líderes poderosos “estilo Viriato”, mas muito vulneráveis pela sua excessiva independência e portanto, difíceis de se organizarem como “nação” e muito menos com um discurso nacionalista, divididos em tribos irreconciliáveis, a que nos pode soar tudo isto?

II. Os Berberes na Galiza altomedieval

Em 714, depois da implantação muçulmana nos antigos reinos visigodo e suevo, os berberes, convertidos agora à nova crença do Islão, acompanham Abdel Aziz ibn Muza (se calhar também Tariq). Estes clãs, de origem mais que provavelmente indo-europeia, falam latim, berbere e um pouco de árabe, procediam da antiga Mauritânia, província romana. Mas sobretudo eram ocidentais do Magreb, da agora “província” muçulmano-árabe de *Ifriquiya*. Sabemos que procediam das tribos matagara, fundadores na Hispânia das muito conservadoras confederações berberiscas –vilas aliadas e clãs– como a Madiuna, Micanasa, Hawwara, junto com a mencionada Matghara, e que formavam a maior parte do exército que havia tempo compusera Tariq, isto é, entre 12.000 e 350.000 segundo diferentes autores.

À hora de repartirem as zonas de ocupação, os berberes saem desfavorecidos, ora que os iemenies e qasies árabes levaram os melhores lotes de terra e zonas estratégicas. Aos berberes cumpre-lhes a região levantina, o extremo ocidental da cordilheira bética, Ronda e ilhotas do Guadalquivir. Fechado o primeiro ciclo de conquistas em 732, o enfrentamento entre

imperador Cláudio; também em 107-122 (Trajano-Adriano); 1ª invasão berber na península em 170-172 e uma 2ª em 175; campanhas de Septímio Severo no Norte africano (195-197), assim como já os posteriores diretos contatos do cristianismo do Noroeste com o continente africano e compartilhado atlântico: desde já o bispo de Cartago (s. III) com o de Astorga, a difusão no mártir e soldado Marcelo em Tânger, de seguido difundido na Galleacia, o mesmo Prisciliano, viagens diretas de personagens como Orósio de Braga ou Egéria (s. IV) a freira que vai até aos Lugares Santos do Próximo Oriente pela costa norte-africana... : ver mais em RIOS CAMACHO, J. C., , *História Cronológica da Gallaecia. História Antiga*, (orig. inédito), 2000; ainda não editado.

berberes e árabes faz que aqueles se desloquem para o interior, chegando até à Galiza um grande contingente berbere. Foi uma rebelião que durou quase dez anos e abrangeu desde o Atlas africano até à Gallaecia.

Os berberes foram islamizados pela cultura e crença árabe e tiveram sempre um orgulho de etnia, língua e cultura muito diferenciada que levou durante vários séculos a brigas constantes entre ambos blocos que se repartiam o poder e soberania de grande parte da África e agora da Europa meridional. O Islão foi o ponto assimilador e pacificador na aposta de uma convivência e Fé comum que fizeram que ditas lutas rematassem com o tempo. A memória coletiva dos povos cristãos receptores dos exércitos muçulmanos traduziu-se em que a etnia predominante do Magreb romano, os berberes, fossem chamados *mouros* na Galiza-Portugal e nunca árabes, só que por estarem no mesmo bando esta denominação foi assimilada também. Pudera acontecer que os nossos “mouros”, por similitude sonora ou por lembranças antigas de gentes vindas de fora com “poderes” distintos, com crenças diferentes, e sobretudo conhecedores da “cultura da Pedra”, coincidissem com os mouros históricos berberes?

Há qualquer coisa que nos diz que essa coincidência não é só isso, senão um mundo mágico compartilhado por ambos povos atlânticos de além e aquém do oceano, desde a Idade megalítica e o Bronze. Compartimos inclusive, e não é de esquecermos, uma etnia biológica com a Berberia, e que segundo Charpentier por enquanto hoje constatamos pertencente ao grupo Rh sanguíneo A, assim Galiza-Norte de Portugal, Euskalherria, Países célticos em geral, mesmo a Lapônia norueguesa formariam uma família coincidente em volta de um componente sanguíneo comum. Onde a origem desta familiaridade?

O professor Vallvé, historiador islamólogo, afirma como o topônimo empregado pelos povos muçulmanos que aqui assentaram foi nem mais nem menos que o arabizado Al-Andalus, por consequência observa a transposição Atlas/Atlantis. É então uma prova mais da memória de um passado comum, de uma cultura compartilhada arredor da *weltanschauung* atlântica? Quem denominaria assim à Península/Europa mais ocidental? ou melhor dito, poderiam ser esses povos abeirados ao mar oceano comum de própria tradição atlântica chamados berberes, maioria de muçulmanos desde o século VIII, os quais trouxeram idiosincrasias similares e uma nova Fé baseada, segundo os muçulmanos, na última Revelação de Allah aos homens? Al-Atlantidus?

Para finalizarmos este parágrafo, damos notícia das últimas investigações relativas à composição genética do povo galaico e galeciense (da ampla Gallaecia) nas jornadas de *Genética e História no Noroeste Peninsular* (2002-2005), onde se teve certeza de uma forte homogeneidade nos marcadores do cromossoma masculino Y (a mais forte uniformidade deu-a a região de Bragança), embora se detetou uma estrutura modular típica de populações norte-africanas que na Galiza se localiza numa frequência de 94%, estrutura mesmo situada em determinadas gentes do Magreb: berberes?, um certo tipo singular de indoeuropeização ou chegando a pré-indoeuropeização muito antiga e de uma cultura e gentes atlânticas já quase ou decerto desaparecidas?

III. Etnia e Língua berbere

É difícil precisar com rigor qual é a ascendência racial-troncal deste povo por força ocidental. Gustave Le Bon lança a hipótese fundamentada na existência clara de duas subetnias bem diferenciadas. A primeira é de riscos africanizados e de cabelos pretos que pôde ter vindo da extremidade asiática da África, atravessando o Eufrates, norte arábigo ou ainda mais longe. O segundo ramo é o de um povo de cabelos claros e olhos azuis de origem provavelmente indo-europeia arribados desde a extremidade ocidental africana, como depois do alto-medieval foi constatado pelo percorrido (é esta a derrota do bispo Odoário de Lugo, século VIII, procedente da África nortenha para se assentar com a sua povoação no *Conventus Lucense*?⁵) já conhecido por visigodos, vândalos ou bizantinos.

Aqueles povos indo-europeus podiam proceder do norte europeu porque os monumentos megalíticos –entre outros, como já vimos no apartado anterior– deixados nesta zona são muito parecidos aos do mundo nórdico, e por suposto muito mais antigos que os restos arqueológicos deixados aqui pelos vândalos. Estas pegadas monumentais antigas ratificam-se com força no Egipto (1500 adC?) onde estes povos louros e de tez branca estão assentes na África, e embora hoje sejam minoria, nos povos tuareg do deserto, podemos ver rastros dessa antiga civilização.

⁵ Em “Testamento Menor” (760): *Igitur notum omnibus manet qualiter ego Odoarius episcopus fui ordinatus in territorio Africe, surrexerunt quidam gentes Hismaelitarum et tulerunt ipsam terram a christianos...*, igualmente en el “Testamento de Avezano” (757), junto con sus hijos Guntino y Desterigo y esposa Adosinda se dice *...uenientes de Africa ad presuram ad Galletia terra sicut et alii populi ceteri ingenui per iusionem domini Adefonsi principis et pressimus uillas et hereditates de excalido et de rude silua de succo mortuorum...*

Actualmente, só ficam bolsas de berberes deste segundo ramo indo-europeu e de resto, diferentes degraus de mistura com outras etnias árabes ou pretas. Anteriores aos árabes na antiga Ifriquiya, os berberes já conviveram com cartagineses, romanos, vândalos, visigodos, bizantinos e conheciam o cristianismo principalmente arriano e donatista. Os traços europeizados e a psicologia especial destas gentes ainda são fáceis de diferenciar do resto dos povos do Magreb: vestimenta, costumes, música, antropologia cultural, idiossincrasia, o comum culto ao lume de possível ascendência antiga europeia, não é a lareira tradicional galega do finisterra um familiar culto ígneo?

A antropologia física berbere pode ficar resumida num esquema fundamentado nas fontes greco-latinas e no principal conhecedor – *in situ et in tempore*– dos berberes do século XIV, Ibn Jaldum:

- 1) Berbere “antigo”, de suposta origem ibero-europeia, de corte para muitos caucásico, nómade, ganadeiro. Chamado numida pelos romanos e *botr* por Ibn Jaldum, é o rifeiro de corte acastanhado ou louro, às vezes de olhos claros (daí o estamento dirigente dos tuareg, hoje em vias de dissolução);
- 2) Berbere agricultor muito misturado com elementos árabes e certos grupos indígenas. Os greco-romanos chamaram-nos *getulos* e Jaldum *branes*. É também chamado *mazmuda* e a sua língua é o *xelja* ou *chelja*. Há influência de elementos negroides;
- 3) Berbere mestiço, muito parecido ao *botr*, chamado *senjaya* em Marrocos e *cabila* na Argélia.

A língua berbere ou *tamazig* é extremamente antiga, de provável origem fenícia (melhor ibero-fenício segundo estudos de C. López Serrano, 1983), hoje praticada em zonas de montanha ou vilas afastadas de urbes, forma numerosos dialetos, diferenciando os que estão muito ou pouco arabizados em léxico e fonética, sendo muito pouca a atual referência às línguas grega ou latina, donde tiraremos conclusões da atual e real pegada da arabização destes povos marítimos e desérticos.

É provável a língua berber (as influências do árabe são também notórias nos seus respetivos dialetos) pudesse pertencer à comum língua hamita que deu pé a dois dialetos. O primeiro é o mais rico, e é considerado como “puro” berbere, é o *tamazig*. Com certeza neste idioma, *amazig* é “filho da terra”, *mur*

é “mar” e *ta-mur* é “terra”; *tamur* é portanto “filho do mar e da terra”, de aí derivaríamos que *mouro* vem do tamazig *mur*, mar e “tamouro” é o que é do mar e da terra, ou mouro, aquele que procede do mar, um dado mais para uma maior ampliação do nosso horizonte cultural se algum dia quisermos saber o que poderia significar essa antiga palavra chamada *mouro*⁶ para nós os galegos.

Finalmente queríamos sublinhar que as grafias e alfabeto tamazig, além de terem dificuldade para chegarem vivas à atualidade, ficando quase como língua ágrafa, são muito semelhantes às grafias ibéricas e celtíberas, denotando o seu contato ou gênese com o alfabeto fenício.

Relativo à História da Galiza, temos o caso do proto-arqueólogo, filólogo e historiador António Tovar⁷, quem tentou decifrar umas lousas nas montanhas africanas e berberes, em possível língua ibérica e copta do Leste, e mesmo comparando-as ao basco e ao ibero-berber, mas não chegou a grandes conclusões, decerto que o grave problema dos nossos investigadores sempre foi o desconhecimento vertebral da língua tamazig em todos os seus estratos.

IV. Coincidências musicais

Foi uma observação direta no Rif marroquino e berbere quando certificamos que os cantos e instrumentalização das vozes femininas em combinação com a percussão eram capazes de produzirem música muito semelhante ao das pandeireteiras galegas quer do interior, quer da costa.

Acostumam na Berberia chamar *deff* a estes instrumentos de percussão (a duas mãos sempre) e *t'bal* ou *gedra* às pandeiretas de variados tamanhos. O canto em geral, e neste caso, feminino, denomina-se *iffou lhal*. Os cânticos acontecem em circunstâncias festivas como é um casamento, onde as mulheres celebram

⁶ HAMZA, U. “*Mouro, o Topónimo da Terra*”, em *Rev. A Mesquita*. n.º 1. Julho-Agosto, p. 2-3, 1997.

⁷ Sobre TOVAR, Antonio: a bibliografia investigadora deste exemplar catedrático é abundante e é de um interesse especial para os estudos sobre berberes em cultura e línguas peninsulares, só selecionamos: *Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas* (1949); *La lengua vasca* (1950); *¿Indoeuropeos en Canarias?* (1952), *El euskera y sus parientes* (1959); *Las antiguas lenguas de España y Portugal* (1961); *Las inscripciones de Botorrita y de Peñalba de Villastar y los límites orientales de los celtíberos* (1973); *Bética* (1974); *Historia de la Hispania Romana* (1975), em colaboração com J. M. BLÁZQUEZ, J. M., *Mitología e ideología sobre la lengua vasca* (1980), *Estado actual de los estudios ibéricos* (1987), *Tarraconensis* (1989), publicação póstuma.

a boda de uma maneira hermética e afastada da “festa dos homens”, mais austera.

A disposição das pandeireteiras berberes pode ser em linha e de pé olhando para a frente dos receitores, ou em forma semicircular, sentadas ou mesmo de pé também. A instrumentação é, como dizíamos, principalmente de percussão, usando pandeiretas de coiro aquecidas com anterioridade, o mesmol que os tambores, nem sempre de coiro pois num caso determinado improvisam com elementos metálicos mesmo domésticos. Também podemos perceber o emprego de pratos pequenos digitais (dous numa mão e um noutra). Existem ao tempo tamborzinhos pequenos cilíndricos do tamanho duma mão esticada e que terminam nm bordo mais largo para percutir com a mão contrária.

A forma de canto, isto é, a vocalização dos conjuntos de instrumentistas, é muito parecido ao das pandeireteiras (com pandeiros e pandeiretas) galegas. Empregam o que em algum momento descrevemos como “leixa-prem” ou início de uma estrofe-estribilho de uma vocalista, que a seguir, é tomada pelo resto das cantoras para repeti-lo e desenvolvê-lo, assim, tomam e deixam o fio condutor da letra e ao tempo do próprio som da canção. Lembremos só de passagem que a voz pandeireta-pandeiro galego procede do tamazig *arbandur*, cuja base léxica berbere dará em árabe *bandur*, eis mais uma longínqua relação espaciotemporal.

Semelha todo este *leiv-motiv* atlântico e galego-berbere ser um jeito de canto e músicas muito antigas –para além do medieval–, uma tradição perdida no tempo e simbolicamente quase megalítica, quando pensamos onde é que temos de começar por ler esse cordão mítico e ao tempo diferente que é capaz de unir culturas tão distantes e sabendo-o ver e interpretar, não tão distintas.

Esta ascendência distante, filha talvez da Antiga Tradição da Pedra ou semelhantes, pode ser a de uma dança sita na Galiza chamada “Moinheira Velha” ou “Ribeirana”, que na zona da Costa da Morte, é cantada exclusivamente por mulheres à pandeirada, onde bailam os homens entre eles com agressividade e a jeito de combate, e no entanto, as mulheres (outras) dançam entre elas, fazendo círculos, oitos, signos de infinito e entrelaçados no chão. Vê-se isto em Sãs, Serantes, Lage e outras vilas e aldeias. O canto desta moinheira velha é muito similar ao das pandeireteiras berberes⁸, e dizem ainda os velhos destes lugares que não gostavam muito das “moinheiras novas” –

⁸ Informação recolhida por Henrique Peão, director artístico da Associação corunhesa de música tradicional *Xacarandaina*, ao qual lhe devo muitas notícias musicológicas de interesse.

mais definidoras e populares da atual moineira— ou danças alheias e estranhas vindas do interior, pois não tinham nada a ver com a tradição.

Na anterior comparança é de salientar o ponto comparativo existente entre a moineira velha e a música ibicenca (*issards?*) no jeito expressivo dos dançantes e mesmo em certas posições dos pés ao dançar (arraste dos pés nas mulheres, gesto belicoso nos homens). É mais uma vez o lembrar dessa hipotética cultura de mais de cinco mil anos, a que nos une com Baleares, Andaluzia oriental ou Berberia ao tempo que ao norte europeu insular.

V. Conclusão

Quando a Antropologia, a História, e o mundo lendário se entrelaçam de tal jeito que confluem num ponto comum para desde aí começar a desenvolverem teorias que pela comparação podem chegar a ser atrevidas, é o momento de construirmos umas mínimas bases que levam a afirmar que existem afinidades que podem partir de um comum mundo antigo atlântico, de possíveis crenças e tradições compartilhadas através do mito da Atlântida ou similares (a ideia de uma religião marítima e megalítica de Bosch Gimpera, de G. Childe?).

Daí lendas de cidades maravilhosas dignas dos melhores reis memoráveis, urbes desaparecidas na memória popular⁹ como o mito de Yedad ben Ad, do povo dos *Ad* corânico; uma cultura similar também ao sul peninsular e balear no campo musical, um afim mundo megalítico que não sabemos se é nuclear ou receptor dessa cultura que por extensão ao tempo foi uma cultura da cerâmica cardial e do vaso campaniforme, um povo berbere que pode entroncar com uma koiné ibérico-celtibérica de riscos antropológicos e históricos.

Lembremos aqui a arqueologia comparativa de rostos e vestimentas das mulheres do Atlas e figuras da arte ibera como o Pebetero (Tossal, Alacant-), exvotos figurativos de muitos soterramentos peninsulares e norte-africanos, o enxoval da Dama de Baza e a de Elx em comparança com o trajar e enfeites berberes, uma língua tamazig e dialetos que entronca em possíveis origens e grafias com o grupo hamita, embora só seja uma teoria na atualidade, uma idiosincrasia e cultos parecidos presentes no inconsciente coletivo (culto ao lume, mito dos tesouros – como os nossos mouros galegos? – desconfiança ao invasor, retransc em contos e lendas, etc.) que levam finalmente a

⁹ TOPPER, Uwe. *Cuentos Populares de los Berberes*. Madrid: Miraguano, 1993.

desembocar numa música de percussão e vocal de imediata irmandade, um canto e instrumentalização nas pandeireteiras galegas e no norte hispânico-luso de grande familiaridade, certas danças muito expressivas que recordam ao mais norteafricano e atlântico que conheçamos.

Que este achegamento cultural até ao ponto exato onde coincidimos em espírito e cultura, possa pôr-nos ao alcance uma ponte válida e inescusável com esse povo hoje islâmico e atesourador duma cultura muito particular e com certo perigo da perda de consciência de si que é o berbere, seja tudo o aqui expremido também um aviso das tronadas homogeneizadoras que nos ameaçam num futuro imediato a todos nós, galegos e galegas, quando espreitamos o horizonte do nosso Oceano.

Fontes

AL-RASIS. *Crónica del Moro Rasis (Ajbar Muluk al-andalus)*. Madrid: Ed. Gredos, 1975.

CARBALLEIRA DEBASA, A. M^a. *Galicia y los gallegos en las fuentes árabes medievales*. Madrid: Ed. CSIC, 2007.

Bibliografia

ALONSO LUENGO, L. *Los Maragatos. Su origen, su estirpe, sus modos*. León: Ed. Nebrija, 1980.

ARNAIZ VILLENNA, A., “Nueva visión del mundo animal”, em *Jornal ABC-Ciencia*, 6-III-1998.

CAMPS, G. *Berbères*, Toulouse (França), 1980.

CATALÁN DEUS, G. “Visita a los Bereberes. Las *casbahs* del Alto Atlas”, em *Rev. Viajar*, n^o 63: 84-97, 1984.

CUNQUEIRO, A. *Tesoros y otras magias*. Barcelona: Ed. Tusquets, 1984.

CUNQUEIRO, A. *Tesouros novos e vellos*. Vigo:Ed. Galáxia, 1980.

FERNÁNDEZ, A. J. “Iberos, los príncipes desconocidos”, em *Rev. El Semanal*, 25-I: 34-38, 1998.

GONEM, A. *Diccionario de los pueblos del mundo* (voz “Bereberes”). Madrid: Ed. Muchnick-Anaya, 1996.

GONZÁLEZ, F. J. *Hércules contra Gerión. Mitos y leyendas de la Torre de Hércules* (vols. I e II). Oleiros (A Corunha): Ed. Via Láctea, 1997.

LE BON, G. *La Civilisation des Arabes* (capítulo V^o em especial). Paris: Ed. EFR. 1996 [Orig. 1883].

LÓPEZ SERRANO, C. *Yo descifré el misterio de Tartessos y su lenguaje ibero-fenicio. Realidad histórica: Tlsshiquish es España*. Ciudad Real: Ed. Invest. Científicas-Estudios Cercano Oriente, 1983.

LLINARES GARCÍA, M. *Os Mouros no imaxinario popular galego*. Santiago de Compostela: Ed. USC, 1990.

- PORCEL, B. *La Llengua rifenya / Tutlayt tarifit*. Barcelona: Ed. Inst. Català, 1996.
- HAMZA, U. “Mouro, o topónimo da Terra”, em *Rev. A Mesquita*. n° 1. julho-agosto, 2-3, 1997.
- ROSVING OLSEN, M. *Cantos y Danzas del Atlas (Marruecos)*. Madrid: Ed. Akal, 1999.
- SCHULTEN, A. *Tartessos*. Madrid: Ed. Espasa-Calpe, 1945.
- TOPPER, U. *Cuentos Populares de los Bereberes*. Madrid: Ed. Miraguano, 1993.
- VV. AA (Coord. CARRACEDO, A. e PEREIRA, G.) 2005 *Xenética e Historia no Noroeste Peninsular. Actas de abril 2002 en Santiago de Compostela*. Santiago de Compostela: Ed. Consello da Cultura Galega. Destacaremos os trabalhos de G. Pereira Menaut, A. Amorim, Sandra Beleza e Cláudio Torres (a este último autor não lhe foi publicada a sua palestra).
- VV. AA. (Dir. GEORGE, Francis) *El Hombre en el mundo. 500 Pueblos cómo son y dónde viven* (voz “Berberiscos” e “Shleuh, berberiscos”). Barcelona, Noguer, 1976.